

LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS¹

Maria Anória de Jesus Oliveira²

RESUMO: *Através do presente texto enfocaremos doze produções literárias infanto-juvenis brasileiras publicadas entre 1979 e 1989, com o objetivo de analisar a imagem que emerge dos personagens negros nas narrativas de escritores consagrados pela crítica literária e de outros que, mesmo não sendo aludidos por essa crítica, permanecem presentes no mercado livresco desde os anos 80 até a atualidade. Os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam o estudo consistiram na pesquisa bibliográfica e na interpretação da narrativa, à luz da crítica e da teoria literária, além de subsídios teóricos emergentes das Ciências Humanas e Sociais. Constatamos a predominância de três tendências temáticas na tessitura das narrativas: denuncia da pobreza, do preconceito racial e o enaltecimento da beleza “marrom” e “pretinha” de dois protagonistas. Por outro lado, diversas produções corroboram para reforçar exatamente o que se tentou denunciar: o preconceito racial, uma vez que alguns protagonistas negros são: a) em grande maioria, associados à pobreza, quando não à miserabilidade humana; b) desamparados, sem família, haja vista a carência do pai e/ou da mãe; c) tecidos de maneira inferiorizada e sujeitos à violência verbal e/ou física; d) enalticidos pelos atributos físicos e/ou intelectuais, com vista à democracia racial. Dentre as narrativas analisadas, excetua-se uma que, mesmo apresentando alguns problemas, dá um salto de qualidade ao exprimir o universo imerso em fantasia e ludicidade da protagonista. Trata-se da narrativa *A cor da ternura*. Nesta obra, Geni, “força flutuante”, ascende profissionalmente, sendo “tutora” de si mesma, e rompe com os estereótipos depreciativos atribuídos aos personagens negros.*

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; Literatura infanto-juvenil brasileira; Narrativa.

INTRODUÇÃO

Apresentaremos, no presente artigo, algumas considerações pertinentes à caracterização dos personagens negros na tessitura das narrativas de escritores consagrados pela crítica literária e de outros que, mesmo não sendo aludidos por essa crítica, permanecem presentes no mercado livresco, devido às diversas reedições de suas obras desde os anos 80³ até a atualidade.

Os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam esse estudo consistiram na pesquisa bibliográfica e na interpretação da narrativa, à luz da crítica e da teoria literária, além de subsídios teóricos emergentes das Ciências Humanas e Sociais. No que tange à teoria literária, pautei-me nos elementos constitutivos da narrativa: enredo, espaço, narrador e personagem. Do campo da crítica literária, realizei pesquisa sobre os personagens negros no período *lobatiano* e *pós-lobatiano*⁴, de modo a apresentar as principais caracterizações atribuídas a eles na tessitura dos textos.

¹Este artigo é resultado da síntese de algumas idéias centrais da Dissertação de Mestrado (UNEB-BA), defendida em 30/05/03, sob a orientação do prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos e Dra. Ana Célia da Silva.

²Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus XIII). Mestre em Educação (UNEB-BA). Especialista em Literatura (PUC-SP). anoria@terra.com.br.

³A relação das obras e seus respectivos autores constam da última página do presente artigo. Quanto à alusão acerca da eclosão da literatura infanto-juvenil brasileira nos anos 80, consultar: Cademartori (1986), Coelho (1993), Zilberman (1986), entre outras.

⁴Refiro-me ao período *lobatiano* e *pós-lobatiano* pautada em Coelho (1993), que subdivide a literatura infanto-juvenil brasileira com base na produção literária do escritor Monteiro Lobato, por reconhecê-lo como um marco da literatura destinada às crianças e jovens, principalmente no século passado, entre as décadas de 20 e 70.

Para refletir acerca da questão étnico-racial na obra literária, levei em conta as considerações de relevantes estudiosos das Ciências Humanas e Sociais, a fim de visualizar os fios do *racismo à brasileira* e do mito da democracia racial, os quais vêm corroborando para a dissimulação e disseminação do preconceito e da ideologia do branqueamento no Brasil, haja vista a influência desses ideários em nosso cotidiano⁵, nas produções artísticas e, entre elas, a literatura infanto-juvenil, conforme evidenciarei a seguir.

PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA: BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Diante das características atribuídas aos personagens negros no período lobatiano (entre os anos 20 e 70, século XX) Gouvêa (2001, p. 10) conclui que se reproduz “[...] na literatura infantil uma representação social das relações inter-raciais no Brasil, representações em que uma visão racista e etnocêntrica se faz presente, de maneira sutil, escapando à idealização pretendida pelos autores”. Buscou-se, então, resgatar a cultura negra nas narrativas da época, porém esse resgate foi permeado pelo racismo e depreciação do povo negro, nas obras de Monteiro Lobato e de seus contemporâneos.

Entre os pesquisadores que se debruçaram sobre a temática étnico-racial na literatura infanto-juvenil brasileira, destacam-se: Rosemberg (1985), Abramovich (1991) e Saraiva (2001), que dedicaram um pequeno capítulo de seus livros ao personagem negro, embora não fosse este o principal objeto de estudo das pesquisadoras. Ainda dentro dessa temática, Lima (2001) publica um artigo enfocando a ilustração. O ponto em comum nesses estudos é a constatação de que prevalece a imagem negativa, estereotipada e depreciativa dos negros nos livros literários infantis e juvenis, uma vez que “[...] o branco, enquanto personagem, recebe uma elaboração maior que o não branco” (ROSEMBERG, 1985, p. 84).

Em um dos capítulos do livro *Ideologia da literatura infantil*, Rosemberg e sua equipe apresentam os traços característicos atribuídos aos personagens negros. Seu principal objetivo é estudar “[...] o conteúdo para crianças, tendo em vista a produção adulta” (1985, p. 20). Rosemberg tece a caracterização dos personagens negros a partir da análise de 165 livros de literatura infantil, publicados entre 1955 e 1975.

Na análise, Rosemberg (1985, p. 86) evidencia que “[...] esses textos deveriam ser submetidos à lei da imprensa, em virtude do preconceito racial”. Tal preconceito é perceptível ao se valorizar o grupo étnico-racial branco em detrimento do negro, o qual é preterido nas obras ou, então, elaborado nas narrativas sem nome, animalizado, em papéis de serviços, desqualificadas, além de serem associados a personagens maus, à sujeira, à tragédia, e de ter um acabamento “ficcional” inferior em relação aos personagens brancos, no tocante à origem geográfica, à religião e à “situação familiar e conjugal”.

Referindo-se à ilustração, afirma Saraiva (2001, p.76): “[...] a ilustração tem servido de veículo para reforço de estereótipos e preconceitos”. E Lima (2001, p. 41) reconhece que as “[...] imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado”. Abramovich (1990, p. 41) questiona, afinal, “[...] por que analisar as características das ilustrações das personagens?”, Responde a pesquisadora, para “[...] ficar atento aos estereótipos, estreitadores da visão das pessoas e de sua forma de agir e de ser... a ajudar a criança leitora a perceber isso”. Reitera ainda Abramovich (1990, p. 41):

⁵ Ver Silva (1995), Munanga (1996; 1999), Sodrê (1999), Ana C. Silva (1995), entre outros.

[...] PRECONCEITOS NÃO SE PASSAM APENAS ATRAVÉS DE PALAVRAS, MAS TAMBÉM – E MUITO!! – ATRAVÉS DE IMAGENS⁶
[...] Saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão.

Com base nas colocações até então explicitadas, é possível observar a veiculação de visões estereotipadas e depreciativas do negro por meio da literatura infanto-juvenil brasileira, o que é conseqüência de um olhar imbuído do “racismo científico”⁷, quando da elevação do branco como o representante da “espécie humana” (ROSEMBERG, 1985), em detrimento do negro que é caracterizado à margem da sociedade e em papéis que contribuíram para a cristalização de uma visão depreciativa de sua imagem nas relações sociais (SILVA, 1995; LIMA, 2001).

Excetuando-se os artigos ou os poucos parágrafos dedicados aos personagens negros recentemente, localizei apenas dois livros sobre eles na Literatura infanto-juvenil, o que indica a carência de análises dessa temática especificamente. Trata-se das seguintes pesquisas: 1) Piza (1998), que faz um estudo acerca das personagens femininas negras, refletindo sobre os estereótipos atribuídos a essas personagens por quatro escritoras brancas⁸; 2) Andrade (2001), que se detém sobre os personagens negros em geral. Esta autora não faz uma análise aprofundada dos personagens negros, o que aproxima o seu livro de uma espécie de levantamento bibliográfico das produções literárias identificadas como “racistas” e/ou “anti-racistas”. Mas, entre estas, há narrativas reeditadas diversas vezes desde os anos 80 até os dias de hoje que, mesmo apresentando os personagens negros em papéis principais, na realidade, acabam corroborando para a inferiorização de tais seres, devido à passividade, pobreza e humilhação que sofrem em virtude do racismo e da carência familiar (OLIVEIRA, 2003).

Há, também, um artigo de Sousa (2001), que vislumbra inovação em três narrativas, a saber: *O Menino Marrom* (ZIRALDO, 1988), *Histórias da preta* (LIMA, 1998) e *Luana* (AROLDO, 2000). De acordo com Sousa, a inovação consiste na ruptura com estereótipos negativos, geralmente atribuídos aos personagens negros, e na valorização dos mesmos, contribuindo para o resgate de seu legado cultural. Entre as obras aludidas pela pesquisadora, apenas *O menino marrom* consta do presente artigo, uma vez que sua publicação situa-se no recorte temporal das demais obras que analisei.

PRODUÇÕES LITERÁRIAS PUBLICADAS ENTRE 1979-1989: INOVAÇÃO?!

Tratando-se das doze narrativas dos anos 80 selecionadas para análise, nove apresentam personagens negros protagonistas (masculinos), pois é em torno deles que se desenvolve toda a ação narrada. As demais obras (três) apresentam personagens femininas peraltas, “imaginosas” em sua trajetória.

O fato de as doze narrativas apresentarem personagens negros como protagonistas é um índice de inovação, haja vista a tendência em narrarem-se histórias com personagens brancos em

⁶ A caixa alta consta do original transcrito.

⁷ Conjunto de teorias pseudocientíficas do século XIX que afirmavam existir raças superiores (os europeus) e inferiores (negros, mestiços, índios, entre outros povos). Tais idéias eram baseadas em critérios preconceituosos dos chamados “homens de ciência” da época. Para maiores informações consultar: Moura (1994); Silva, C. (1995), Munanga (1996, 1999), Sodré (1999) e Luz (2000), entre outros autores.

⁸ Trata-se das seguintes escritoras: Odette de Barros Mott, Lucília Junqueira de Almeida Prado, Giselda Laporta Nicoélis e Mirna Pinsky. A pesquisadora constata a inovação na caracterização das personagens, ao observar que estas, ultimamente, têm sido delineadas de maneira sensual, o que aproxima a narrativa infanto-juvenil da literatura de adulto, através da caracterização da mulher nas obras.

papéis principais, de acordo com o padrão ocidental (ABRAMOVICH, 1989; ROSEMBERG, 1985). Mas como os protagonistas vivem? O que fazem? Em que espaço social são situados? Qual a visão que eles têm de si mesmos? Eis algumas questões imprescindíveis para se desvelar os papéis atribuídos a eles.

Entre as doze estórias, em dez narram-se a trajetória de personagens negros que se defrontam com pobreza e/ou preconceito racial. Em consequência do preconceito, os pequenos personagens sofrem a rejeição, a desqualificação e a hostilidade nos espaços sociais em que vivem (NG; XC, DNF; SV; ACT; TC)⁹. Outros, mesmo não sofrendo tal preconceito no cotidiano, acabam sendo vítimas de algum problema dessa ordem, o que os impulsiona a uma nova maneira de se ver e de apreender o universo circundante (TC; USE; NOS; AHGM; JSFCA).

Vejam, então, a síntese das características¹⁰ predominantes atribuídas aos personagens negros, a partir dos seguintes itens: a) aparência; b) atividade profissional; c) espaço social; d) origem familiar; e) identificação.

Quanto à **aparência** (a), as narrativas que visam a denúncia da discriminação racial também reforçam a associação do negro à “feiúra”, à animalização, à caricatura. Inclusive, alguns chegam a ser motivo de zombaria, humilhação, a exemplo dos personagens Joca (XC), Carniça (TC), Tânia (NG), Dito (DNF) e Cendino (este só quanto à animalização).

No que tange à **atividade profissional** (b), entre as doze narrativas, observei que dez apresentam personagens negros em atividades profissionais consideradas desprestigiadas socialmente, em funções servis; quer dizer, inferiores aos brancos. Os protagonistas são ou engraxates, a maioria, ou lavador de carro, ou ajudante geral. A mulher continua nos mesmos papéis: empregada doméstica ou lavadeira. O homem negro, entre os poucos que aparecem (dois), são também empregados: lavrador ou caseiro. Logo, todos são pobres.

Tratando-se do **espaço social** (c), é ainda a favela, o morro, o ambiente dos protagonistas. A residência é o barraco ou “quartinho” bem pequeno, com direito às minúcias descritivas. E a favela é, principalmente, o lugar da marginalidade, povoada por traficantes e assaltantes.

No que concerne à **origem familiar** (d), prevalece a ausência do pai nas narrativas, e alguns protagonistas não o conhecem. São criados só pela mãe, sendo que algumas morrem, deixando os filhos entregues ao mundo, já que eles não têm nenhum parente (pelo menos não aparecem nas estórias). Há, ainda, um protagonista que é criado “pelo tempo” (DNF). Quer dizer, são personagens que podem ser associados ao que Silva (1995) denomina de “desamparados” e “desenraizados”.

Quanto à **identificação** (e), alguns personagens negros continuam sendo denominados por apelidos depreciativos: Xixi, Carniça, Taniorelha. Há a associação ao pertencimento racial: Benedito (Dito) e Benedito (Benê); ou seja, dois Beneditos, embora em narrativas diferentes. Há ainda aqueles que não têm denominação na narrativa - no caso as mães de alguns personagens; também, “o menino marrom” e a “menina bonita”. Não há alusão ao nome próprio dos personagens, exceto quando eles tentam se auto-afirmar (Joca), ou quando o branco tenta modificar a identidade do negro (Válter: Carniça). Excetuam-se: Oldemar, Cendino e Geni, cujos nomes não se enquadram nas categorias acima.

Os protagonistas negros simbolizam a perfeição, sendo aqueles que resistem ao meio social corrompido, à marginalidade; são honestos, bondosos, trabalhadores, inteligentes (embora ingênuos alguns). Enfim, são diferentes “para melhor” (NG). Quer dizer, são exemplares, então dignos de serem “tutelados” pelo branco bom. Mas há o outro lado da moeda, existem

⁹ As siglas presentes nesse texto, a exemplo (XC), (AHGM), (NOS) entre outras correlatas, são utilizadas para fazer alusão às narrativas analisadas, as quais estão aludidas na última página da referência bibliográfica.

¹⁰ As características descritas foram tecidas considerando o enredo, o espaço social e o papel desempenhado pelos personagens, sob o olhar de quem os descreveu: o narrador.

personagens negros antagonistas que representam a força do mal. É o caso de Lúcio e os traficantes (USE), da maldosa Tervina (AHGM), do segurança preconceituoso (XC). Há ainda os negros vítimas da maldade dos brancos perseguidores (DNF) e racistas (XC), (NG), (SV).

Os personagens brancos simbolizam duas faces extremas: (1^a) daqueles perfeitos bondosos, atenciosos, preocupados e acolhedores “tutores” dos personagens negros. São os responsáveis pela salvação e até pela educação dos coitados “meninos”, abandonados, jogados à própria sorte. Nesse bloco não se pode deixar de relacionar a figura da “sinhá Vitória”, cuja candura e bondade a aproximam-na de uma “santa” (AHGM), o que traz à baila aquela antiga visão de uma escravidão cordial no Brasil, à luz do que hoje se entende como uma das nuances do *racismo à brasileira* (MUNANGA 1999; TELES, 2003).

Conforme Munanga (1996), o *racismo à brasileira* criou o ideário da relação harmoniosa senhor/escravo. Afinal, “Freyre não considera o contexto histórico das relações assimétricas do poder entre senhores e escravos [...]” (MUNANGA, 1996, p. 184). Assim sendo, os senhores eram considerados bondosos, e os escravos, subservientes; logo a escravidão aqui era vista como amena, atenuada. Mas, sabemos, nessa relação era muito bem demarcado o papel do escravo e o do senhor. Na narrativa *A história do galo marquês* (AHGM), o narrador tenta criticar o sistema escravocrata brasileiro, procurando evidenciar as diferenças entre senhores e escravos, porém, no desenrolar da trama, ele acaba ressaltando mesmo é a subserviência, a inferioridade e a passividade do escravo, o qual contava com senhores patriarcais”, amenos “, preocupados com os seus conselheiros e amigos serviçais. Inclusive, o protagonista Cendino chega a refugiar-se “[...] nas barras da saia da sinhá” (AHGM, p. 15), para proteger-se das maldades da escrava “Tervina”.

Os protagonistas negros também são trabalhadores que ajudam a família, seja por meio de atividades domésticas, seja financeiramente: Tânia, Joca, Cendino, Carniça, Neco, e João. Alguns personagens são símbolo de resistência: à marginalidade: 1) Oldemar (não aceita trabalhar com os traficantes); 2) João (não se envolve com os colegas do internato de menores); 3) Joca (não se envolve com a marginalidade na rua); 4) Carniça (“menino direito”, não se envolve na marginalidade do morro); 5) Benedito (“Dito”) passa fome mas não rouba nem para comer, quando está na rua. Entre as estórias, só uma não caracteriza o “morro” como um ambiente perigoso (JSFCA). Nas demais se tece um ideário muito negativo da favela.

Podemos observar, portanto, que se visou a inovação da tessitura dos personagens negros ao atribuir-lhes o papel principal, com o propósito de denunciar a pobreza, o preconceito racial, e enaltecer as suas virtudes morais. Mas, por outro lado, a maioria das produções acabaram corroborando para reforçar exatamente o que se tentou denunciar: o preconceito racial, uma vez que alguns protagonistas negros são: 1) em grande maioria, associados à pobreza, quando não à miserabilidade humana; 2) desamparados, sem família, haja vista a carência do pai e/ou da mãe; 3) tutelados pelo branco bom; 4) tecidos de maneira inferiorizada e sujeitos à violência verbal e/ou física; 5) enaltecidos pelos atributos físicos e/ou intelectuais, com vista à democracia racial¹¹.

Ao entender que os personagens negros são tecidos de maneira inferiorizada e sujeitos à violência verbal e/ou física, observei que isso não se dá igualmente; há diversas formas de inferiorizá-los. Logo, foram caracterizados através de predicções pejorativas, em decorrência da:

- a) associação à sujeira/animalização: *Carniça, lixo, imundice, preto sujo, etc; ruim de raça, endiabrado, negrinho terrível, negrinha, crioulinho complexado, preto cachorro, burrice de crioulinho*, dentre muitos outros termos depreciativos.

¹¹ Isso será evidenciado em duas obras: *O Menino marrom*, de Ziraldo e em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, obras que serão analisadas posteriormente.

- b) utilização de piadas explicitamente racistas;
- c) associação: favela/marginalidade; favela/quilombo;
- d) ridicularização e humilhação do negro em determinados espaços sociais (escola, rua, clube, etc.)¹².

Mesmo sabendo que os itens acima dialogam entre si, pois todos mostram a face do racismo brasileiro, daí as narrativas serem um meio de denúncia desse racismo, penso que elas, além de denunciar, corroboram para reforçar, para cristalizar no imaginário do leitor uma única maneira de ver o povo negro, já que ele está sempre à margem; logo, aquém do espaço social que o rejeita e aquém de si mesmo por não se aceitar “diferente”. Enquanto isso, o branco é colocado além dos negros, não só nas atividades profissionais, como em termos socioeconômico e religioso. Inclusive, é importante observar que a referência religiosa nas histórias é o cristianismo, prescindindo a diversidade inerente às matrizes africanas. Observei, por exemplo, que só uma narrativa faz alusão a Xangô (USE), embora de maneira simplificada. Na realidade, a herança cultural e religiosa do povo negro é silenciada, omitida, na maioria das obras. Mesmo se referindo aos livros didáticos, Silva (2001, p. 14) faz uma consideração pertinente que merece ser citada aqui. A aludida pesquisadora reconhece que

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultado em rejeição e negação dos seus valores culturais e preferência pela estética e valores culturais dos grupos valorizados nas representações.

A asserção de Ana Célia Silva (2001) reitera a idéia que tenho procurado ressaltar: veicular a inferiorização do negro e a supremacia do branco é uma forma de, consciente ou inconscientemente, reforçar o racismo à brasileira (MUNANGA, 1999), e foi isso que prevaleceu nas obras analisadas até então.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: MESTIÇAGEM/DEMOCRACIA RACIAL

Quanto às narrativas que visam o enaltecimento dos personagens negros, reporto-me às obras *O menino marrom* e a *Menina bonita do laço de fita*. Dentro do item aparência, é preciso retomar as *nuances* de cores dos personagens que são enalticidos em seus traços característicos. Nesse sentido, rompem-se com os estereótipos negativos atribuídos aos negros. Uma questão me instiga nas duas narrativas (OMM e MBLF): até onde elas, de fato, corroboram com a desconstrução da visão estereotipada acerca do negro? Afinal o “menino”, se reconhece como “marrom”. E o que significa ser “marrom”? Qual a simbologia em se tecer a “linda mulata risonha”, mãe da menina bonita? Como compreender que esta “menina” seja bonita por conta da “arte de uma vó que ela tinha?”.

Embora as narrativas *O menino marrom* e *Menina bonita do laço de fita* ressaltem a beleza “marrom” (OMM) e “pretinha” (MBLF), o que é indício de inovação no tocante à caracterização dos personagens negros, elas, ao meu ver, suscitam duas questões que merecem reflexão: 1) a identidade fragmentada (no caso da “menina”); 2) a idealização da relação inter-racial.

¹² Ressalto: o problema não é a denúncia, mas, sim, a postura passiva dos personagens diante da discriminação sofrida.

Tratando-se da identidade étnico-racial, apesar de o narrador descrever os fenótipos negros dos protagonistas “o menino” e “a menina”, e não expressar descontentamento deles por conta de tais fenótipos, é possível observar que, por outro lado, o pertencimento étnico-racial de ambos é uma incógnita para eles.

Por se reconhecer “marrom” e não negro – simbolizado pela cor “preta” – o “menino” sugere não à afirmação ou ressignificação étnico-racial negra, já que ele se aproxima mais do ideal mestiço arraigado no imaginário social. E a “menina bonita”, até o desenrolar da trama, não descobre o porquê de “ser tão pretinha”, pois a sua mãe justificou a “cor” em virtude de uma “arte” da “avó” que ela tinha. A idéia que emerge da “arte” tem uma conotação pejorativa, como sendo uma travessura feita pela avó da “menina”. A justificativa da “mãe” é também criticada por Silva (2001, p. 40), por compreender que houve, nesse sentido, uma dificuldade da autora em “explicar os determinantes da diversidade racial”.

No que concerne à idealização da relação inter-racial e à *mestiçagem*, observa-se, através do “menino marrom” e do “cor-de-rosa”, que o “mundo não é dividido entre preto e branco”, pois o “que existe” é “gente marrom”, “marrom-escuro”, etc. Tratando-se da estória da “menina”, também se sugere a *mestiçagem* através da ninhada de coelhos de todas as cores e, “até”, uma coelha pretinha.

Se não há divisão separatista entre o “branco” e o “preto”, até porque o “coelho cor-de-rosa” (quer dizer, branco) admira a “menina pretinha”, e o “menino cor-de-rosa” e o “menino marrom” são amigos inseparáveis, preterindo-se, desse modo, qualquer conflito racial entre os personagens. É possível inferir com isso que as duas narrativas sugerem a inexistência de conflitos entre grupos étnico-raciais diferenciados. Logo, não haveria impertinência em afirmar que, a partir dessas obras, buscou-se afirmar não só o ideal de *mestiçagem*, como também a idealização da relação inter-racial, corroborando para disseminar o propalado mito da democracia racial. Para melhor abordar a problematização desses ideários (*mestiçagem* e democracia racial), retirei algumas ponderações de competentes pesquisadores das Ciências Sociais, de modo a elucidar que tais ideários são construções políticas que trazem em seu bojo o desejo de camuflar o racismo no solo brasileiro.

Munanga (1999) e Sodré (1999) evidenciam que a “mestiçagem” é inerente à humanidade, mas a sua conotação política emerge da busca de hierarquizar determinados grupos étnico-raciais. No bojo dessa acepção, a “mistura” visa a aproximação do padrão de beleza do grupo dominante branco. Logo, tal modo de ver a diversidade étnico-racial brasileira diluída nas nuances de “cor” é o que configura o *racismo à brasileira*. Assim, tende-se a dissolver, também, a conscientização dos negros que, tomando como ideal o padrão branco, acabam por se dispersar politicamente. Enquanto isso, persiste no imaginário social a idéia de que se “[...] fomos misturados na origem [...], hoje não somos nem pretos, nem brancos, mas sim um povo miscigenado” (MUNANGA, 1996, p.186). E, como miscigenados, somos o “povo brasileiro” que tem orgulho de dizer: aqui não há discriminação racial. Eis, assim, o desdobramento do “mito da democracia racial”.

Com base na explanação acima, é pertinente considerar que as duas narrativas analisadas (OMM e MBLF) inovam o cenário literário, sim, como assinalei anteriormente, mas é inegável a aproximação entre os personagens tecidos nos textos e o ideário da “mestiçagem” e da “democracia racial”. Eis a minha ponderação em relação às aludidas obras.

INOVAÇÃO LITERÁRIA: A COR DA TERNURA (GENY GUIMARÃES, 1989).

Com base no estudo da narrativa *A cor da ternura*, é possível esboçar as seguintes percepções acerca de Geni: a) como **identificação**, ela, por fim, se reconhece como uma

“princesa”. E, nesse sentido, eleva a percepção de si mesma, rompendo com a autopercepção inferiorizada. Geni, embora temerosa, mas ativa, enfrenta os primeiros passos em face dos desafios por ser uma “professora preta”; b) enquanto **profissional**, rompe com aqueles estereótipos de serviços atribuídos à “Mulher” negra, já que se profissionaliza na atividade considerada prestigiada socialmente; c) no que tange ao **espaço social**, Geni é delineada em um ambiente familiar pobre, vive na zona rural com a família e é cercada de amor e atenção dos pais e irmãos; d) tratando-se da **origem familiar**, a protagonista tem pai, mãe e irmãos. Logo, não é “desamparada” como outros protagonistas; e) quanto à **identificação**, seu nome não é ridicularizado na trama, nem recebe apelidos depreciativos, apesar de seu embate social ser decorrente do racismo. Mas ela não sucumbe, enfrenta-os e sai vencedora.

Para ilustrar os indícios da inovação em *A cor da ternura*, selecionei algumas passagens que expressam a ruptura em relação às demais obras abordadas anteriormente. Façamos a leitura de alguns fragmentos, pois os textos falam por si só.

Indagadora e admiradora do pai, Geni segue em suas instigações, questionado sobre a cor de Deus e propondo o endeusamento de seu Pai, em um diálogo emocionante e emocionado. Vejamos o que nossa pequena heroína tem a nos relatar por meio de suas reminiscências:

- Pai, de que cor será que é Deus [...]?
- Ué ... Branco – afirmou.
- Mas acho que ninguém viu ele mesmo... Será que não é preto [...]
- Filha do céu, pensa no que fala. Está escrito na Sagrada Escritura [...]
- Ele olhou-me reprovando o diálogo, e porque não podia ir mais longe acrescentei apenas:
- É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O senhor é tão bom!
- Em toda a minha vida, nunca vira meu pai rir tanto.
- Riu um riso aberto, amplo, barulhento. Assim, rindo, foi até chegar em casa. (ACT, p. 75)

Mas, em *A cor da ternura* não há idealização da família negra. Nessa obra são desvelados alguns aspectos de um lar constituído de afetuosidade, amor, solidariedade e confiança, em meio à pobreza de um cotidiano de trabalho, problemas de saúde e outras dificuldades que podem ser vivenciadas por qualquer família: Geni fica doente; Sema, sua irmã, é “deficiente”. Agora, tratando-se da relação racial, os pais da protagonista são passivos diante de algumas situações em que sofrem discriminação, o que contraria a pequena Geni. E isso é um fator que a coloca como um ser crítico e atento às dualidades sócio-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente das demais narrativas analisadas anteriormente, *A cor da ternura* dá um salto grande ao exprimir, através do universo imerso em fantasia e ludicidade da protagonista Geni, um “Mundo” constituído de dúvidas, medos, ciúmes, esperteza, delicadeza e amor, em face dos impasses da “Vida” de uma criança que olha e sente o mundo com os “olhos de dentro”. Diante disso, pode-se inferir que a “cor” da “ternura” é “negra”. Negros são seus pais e irmãos. Nestes, Geni encontra afeto e esclarecimentos. Naqueles – quer dizer, nos pais –, Geni encontra ainda amparo, acalento e “sabedoria” para se descobrir e, assim, lutar contra as adversidades da “Vida”.

A protagonista de *A cor da ternura* expressa uma sensibilidade pungente, cujos “momentos cristalinos” são tecidos com os “olhos de dentro” e, em meio às metamorfoses física,

intelectual, étnico-racial e profissional da pequena menina que vai, aos poucos, alicerçando a sua trajetória até a fase “Mulher”.

Eis mais uma importante diferença entre essa narrativa (ACT) - que não consta na relação daquelas consideradas inovadoras – e as demais analisadas até então. A protagonista, negra, vive com a família. Exprime os medos, as angústias, o imaginário aguçado infantil, mas, sob o calor afetuoso da família. Eis a importância dessa personagem para a (re)construção de uma identidade positiva do ser negro.

Enfim, personagem não é pessoa, conforme afirmam os teóricos de literatura (SEGOLIM, 1978; KHÉDE, 1990; BRAIT, 1990; SOARES, 2001) mas eles sabem, personagens representam pessoas ao serem tecidos na trama das histórias. Desse modo, a ficção sugere a (re)leitura do universo circundante, dos seres nele delineados e do ambiente em que são situados. E seguir por aí foi o meu modo de ver os personagens negros. Ao educador cabe a ampliação de um olhar crítico em face do “Mundo” que se delineia a sua frente, de modo a perceber as *nuances* do, *racismo à brasileira*, camuflado por meio do mito da “democracia racial”, portanto, muitas vezes disfarçados tal qual o “mito” sob as faces dos personagens. E saber fazer uma análise atenta e criteriosa das obras literárias que são trabalhadas em sala de aula é um caminho plausível na luta contra o racismo no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1991.
- ANDRADE, Inaldete P. de *Racismo e anti-racismo na literatura infanto-juvenil*. Recife: Etnia Produção Editorial, 2001.
- AROLDO, Macedo e OSWALDO, Faustino. *Luana*. São Paulo: FTD, 2000.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva & CARONE, Iray (Orgs). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1990.
- CADEMARTORI, Lúgia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COELHO, Nelly. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Ática, 1993.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil*. Disponível: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em 15 jun, 2001.
- KHÉDE, Sônia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1990.
- LIMA, Heloísa Pires. *História da preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.
- LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, K (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

- LUZ, Narcimária do Patrocínio. *Abebe: a criação de novos paradigmas na Educação*. Salvador: Edições SECNEB, 2000.
- MUNANGA, Kabenguele. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: SCHWARCZ L. Moritz; REIS, L.V de Souza (Org.). *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciências, 1996. p. 179-193.
- MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, Maria Anória de J. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.
- PIZA, Edith. *O caminho das águas: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-arte, 1998.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.
- SARAIVA, Juracy Assmann, Critérios para a análise e seleção de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Assmann. *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SEGOLIN, Fernando. *Personagem e anti-personagem*. São Paulo: Cortez, 1978.
- SILVA, Ana Célia da. *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*. 2001, Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFBA, Salvador, 2001.
- SILVA, Ana Célia. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: CEAO/CED, 1995.
- SILVA, Consuelo Dores. *Negro, qual é o seu nome?* Belo Horizonte: Mazza,, 1995.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2001. p. 42-57.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, R.J: Vozes, 1999.
- SOUSA, Andréia de. “*Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos*”. In. CAVALEIRO, Eliane (org.) *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.
- TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

Relação das obras literárias analisadas, por ordem de publicação¹³

1979. *Nó na Garganta*; autoria: Mirna Pinsky, ilustração de Ciça Fittipaldi; Editora: Atual (Série Conte Outra Vez). São Paulo, 1991 (NG).
1979. *Xixi na cama*; autoria: Drumond Amorim, ilustração de Sonia Ledic, capa de Antonio K. Hashiotomi. Editora. Comunicações (Coleção do Pinto), 1985 (XC)
1982. *A história do galo Marquês*; autoria: Ganymédes José, capa e ilustração de Avelino Pereira Guedes. Editora: Moderna (Coleção Veredas), São Paulo, 1991 (AHGM).
1982. *Dito, o negrinho da Flauta*; autoria: Pedro Bloch, capa e ilustração de José Carlos Martinez, Editora: Moderna (Coleção Girassol), São Paulo, 2002 (DNF)
1983. *Tônico e Carniça*; autoria: José Resende Filho e Assis Brasil. Ilustração de Iranildo Alves, Editora: Ática, s/d (Série Vagalume) (TC).
1984. *Saudade da Vila*; autoria: Luiz Galdino, ilustração de Eugênio Calonnese. Editora: Moderna (coleção Veredas), São Paulo, 2002 (SV).
1986. *O menino marrom*; autoria e ilustração: Ziraldo, Editora: Melhoramentos (Série Mundo Colorido), São Paulo (s/d), (OMM)
1986. *Menina bonita do laço de fita*; autoria: Ana Maria Machado, ilustração de Walter Ono, Editora: Melhoramentos ...(Série Conte Outra Vez),
- Obra reeditada pela Editora Ática, mesma autoria, ilustração de Claudius, São Paulo, 2001. (MBLF)
1987. *Um sinal de esperança*; autoria: Giselda Laporta Nicoélis, ilustração de Eduardo Vetillo. Editora: Moderna (Coleção Veredas), São Paulo, 1995 (USE).
1988. *Neco, o sonhador*; autoria: Maria Armanda Capelão, Ilustração de Mário Pita, Editora: Paulinas, São Paulo, 1999 (NOS).
1988. *João que semeava flor e cantava o amor*; autoria: Márcia Vilela Moura de Oliveira, capa e ilustrações de Mário Couto Pita, Editora: Paulinas (Companhia da alegria), 1990 (JSFCA).
1989. *A cor da ternura*; autoria: Geni Guimarães, ilustração de Saritah Barboza. Editora: FTD (Coleção canto jovem), São Paulo: 1998 (ACT).

¹³ Veja-se, ao final de cada referência as siglas correspondentes às narrativas analisadas. Vale observar que algumas narrativas aqui aludidas não apresentam a data da reedição. Na ausência dessa data especifiquei (s/d).